

## RESENHA

LIGHTFOOT, DAVID. 1991. How to Set Parameters: Arguments from Language Change. Massachusetts, The MIT Press (A Bradford Book), 214 p.

Resenhado por: Ilza RIBEIRO  
(Univ. Est. de Feira de Santana-Bahia)

O livro de Lightfoot é parte do crescente número de trabalhos que têm transformado o estudo da aquisição da linguagem na última década, estudos que têm visto a aquisição como um problema de fixação de parâmetros definidos na Gramática Universal. O objetivo geral do seu estudo define-se na pesquisa dos dados lingüísticos primários, a experiência desencadeadora que possibilita a fixação de parâmetros sintáticos pelas crianças. Sua pergunta central é: Que partes da experiência lingüística das crianças constituem a base para a aquisição da linguagem? Coloca ele, usando uma argumentação teórica bastante elaborada e evidências empíricas convincentes, que nem toda a experiência das crianças e nem todas as sentenças que elas ouvem são usadas como uma base para generalizações sobre a linguagem.

O livro está dividido em 07 capítulos, precedidos de um Prefácio do Autor, e seguidos de Notas, Bibliografia e um índice remissivo. Logo no Prefácio, Lightfoot apresenta um breve resumo de suas posições teóricas e define-se claramente quanto aos seus objetivos e propósitos neste livro. As hipóteses de que os dados lingüísticos primários desencadeadores ('the trigger'), são constituídos de elementos robustos ('robust elements') e estruturalmente simples, de que a marcação de parâmetros não é sensível a material dentro de estruturas encaixadas, e de que a morfologia desempenha um papel importante na marcação de parâmetros já estão aí explicitadas; a defesa dessas hipóteses será uma constante no livro de Lightfoot. Como o Autor explicita, seus argumentos empíricos serão fundamentalmente baseados em dados de mudanças diacrônicas, por ele considerar que a natureza de certas mudanças torna possível definir os limites estruturais da experiência desencadeadora, como também definir os parâmetros de modo mais claro.

Seu modelo explanatório de aquisição de linguagem, apresentado na primeira parte do capítulo 1, incorpora três componentes interrelacionados: os dados lingüísticos

primários, aqueles aos quais a criança está exposta e que fazem parte de sua experiência lingüística; a Gramática Universal (GU), constituída de princípios e parâmetros, e que contém os aspectos do genótipo diretamente relevantes para o desenvolvimento da linguagem; e a gramática, parte da constituição mental do ser humano, que caracteriza sua capacidade lingüística madura.

Defensor da teoria seletiva da aquisição da linguagem, o Autor considera que "the environment may be said to 'select' particular values for the parameters of Universal Grammar" (p.2). Assim, o desenvolvimento lingüístico depende da interação de estruturas cognitivas inatas com tipos de experiência selecionados.

Na segunda parte do cap. 1, Lightfoot discute questões metodológicas relacionadas com o problema lógico da aquisição da linguagem -o problema da pobreza dos estímulos: a experiência da criança é finita, consiste de dados degenerados e não fornece os dados necessários à indução de muitos princípios e generalizações manifestados pela capacidade lingüística madura do falante. No entanto, a criança adquire uma língua rápida e eficientemente.

O Autor argumenta com muita clareza sobre a importância do estudo da experiência desencadeadora, por ela permitir não só fazer-se afirmações cruciais sobre as propriedades da GU, como também por ela fornecer meios para elaborar e avaliar teorias da GU. Considera, desse modo, que a escolha entre teorias gramaticais depende não só das hipóteses sobre os sistemas obtidos, mas também sobre a natureza dos dados lingüísticos válidos para a criança. É metodologicamente justo o questionamento de Lightfoot quanto à pouca atenção dada pelos lingüistas da sintaxe paramétrica à definição precisa do que realmente conta como dados para marcar parâmetros; como ele diz, "there has been a curious silence about the triggering experience" (p.8).

Nos itens 3. e 4. do primeiro capítulo, Lightfoot define o 'trigger' como um subconjunto ocasional das expressões lingüísticas realizadas em contextos apropriados, expressões do tipo que qualquer criança ouve freqüentemente. Só dados positivos constituem evidências válidas para as crianças. Os dados negativos, ou seja, informações sobre a agramaticalidade de uma série qualquer de itens, recurso teórico bastante utilizado pelos lingüistas na construção das hipóteses, não fazem parte da experiência das crianças. E ainda ele insiste que a aquisição deve ocorrer na base de dados robustos, isto é, salientes e freqüentes, compreendendo somente material simples, não encaixado: tudo pode ser aprendido a partir de estruturas de grau-0 de complexidade.

É nas primeira e segunda partes do cap. 2 que o Autor formaliza a noção "grau-0 de aprendizagem", e define os limites estruturais do que ele denomina material não encaixado. Considerando que os processos gramaticais são localmente definidos, Lightfoot assume que a criança é um aprendiz grau-0 por não necessitar mais do que uma sentença raiz e o início de uma sentença encaixada (o complementizador e o sujeito de uma sentença infinitiva) para apreender todos os processos gramaticais de sua língua.

Assim, Lightfoot limita a informação válida para a criança em termos de complexidade sintática, descrita em níveis de encaixamento de sentenças. A noção descritiva "degree 0 plus the front of a lower clause" é formalizada como o domínio de ligação não encaixado, e as crianças fixam seus parâmetros tendo por base somente os dados desses Domínios.

Lightfoot formula uma hipótese forte sobre marcação de parâmetros: as crianças marcam os parâmetros em exposição somente a estruturas grau-0 e nada especial deve ser aprendido de estruturas complexas. Argumentos empíricos que apóiam as hipóteses de que os Domínios de ligação não encaixados constituem a base para a aquisição da linguagem e de que parâmetros podem ser definidos a partir de estruturas grau-0 são apresentados com dados (a) do alemão, inglês e francês, (item 2.3), (b) do chinês e inglês (item 2.4), e (c) do italiano (item 2.5); todos os casos incluem exemplos com enunciados de estrutura grau-0, a partir dos quais o Autor define diferentes opções paramétricas selecionadas por essas línguas.

Na conclusão deste capítulo o Autor diz que "the claim that children are degree-0 learners stands alongside the Subset Principle and reflects a property of their "learning" capacity and not of Universal Grammar" (p.40). Como a GU constitui o estado inicial da capacidade linguística de uma pessoa e incorpora princípios e parâmetros da capacidade madura que pode ser atingida, ela nada pode dizer sobre as condições sob as quais seus parâmetros são marcados; a marcação de parâmetros pelas crianças com base em dados simples, não encaixados, deve resultar de estratégias de aprendizagem, válidas para elas (p.40).

Lightfoot assume que a natureza de algumas mudanças históricas sugere que crianças são aprendizes grau-0. Definindo em 3.1. seu argumento básico, ele diz que se a marcação de parâmetros não é sensível a material encaixado, então mudanças que afetam domínios encaixados são um produto secundário (by-product) das mudanças ocorridas em domínios não encaixados. Com base em uma análise muito convincente sobre aquisição de gramáticas que observam o fenômeno

"verb-second" (V2) (item 3.2) e sobre a perda da ordem O-V do inglês antigo (itens 3.3 e 3.4), o Autor demonstra como casos específicos de mudança lingüística podem fornecer uma base empírica para hipóteses sobre reanálises seletivas de certos tipos de enunciados, como também podem fornecer evidências fortes de que esses enunciados reanalisados constituem/constituíram os dados lingüísticos primários válidos para as crianças.

Também é muito importante, em toda esta argumentação desenvolvida por Lightfoot no cap. 3, a conclusão teórica de que a mudança na sentença matriz é gradual e inicialmente não envolve mudança na gramática; o novo valor do parâmetro se manifesta fundamentalmente nas encaixadas; a mudança nelas é, então, rápida e catastrófica. Este tema será desenvolvido com mais detalhes no cap. 7.

No cap. 4 Lightfoot se detém no exame de mudanças morfológicas (com conseqüências sintáticas) que corroboram a hipótese de que a marcação de parâmetros sintáticos é sensível a propriedades morfológicas. Ele conclui, a partir de análises de mudanças em inglês (item 4.1) e no português brasileiro (item 4.2) que as crianças têm acesso às propriedades morfológicas do constituinte INFL encaixado. No cap. 5 o Autor investiga a mudança do sistema morfológico de Casos do inglês medieval e demonstra como fenômenos morfológicos podem ajudar as crianças a marcar parâmetros sintáticos.

No exemplo que nos interessa de perto, Lightfoot analisa estruturas infinitivas tipo "para mim fazer", e diz que, com a perda dos marcadores morfológicos de concordância do infinitivo, no português brasileiro, surge um regente alternativo para o NP sujeito das completivas infinitivas: o elemento preposicional "para" é analisado como um constituinte complementizador, atribuidor de caso oblíquo ao NP sujeito. Convém observar, porém, que se "para" adquiriu essas propriedades no português brasileiro, esperaríamos que se estendesse a outras construções infinitivas com sujeitos lexicais, e não se restringisse a esse tipo específico de estrutura (cf. " \* É bom para os ricos para os pobres trabalhar").

No cap. 6 Lightfoot coloca uma outra questão fundamental, sobre a possibilidade de se estabelecer uma conexão entre o subconjunto de dados válidos para as crianças e o fenômeno da obsolescência. Ele conclui que estruturas obsoletas não fazem parte da experiência das crianças e que a obsolescência de uma estrutura deve ser analisada como conseqüência indireta de uma mudança: formas obsoletas resultam de um novo valor paramétrico.

A teoria dos parâmetros estruturais não busca explicar

todas as mudanças que uma língua pode sofrer; muitas mudanças estão mais relacionadas com a 'performance' linguística do que com sua estrutura interna. É no cap. 7 que Lightfoot discute diferentes tipos de mudança: aquelas que atingem os falantes individuais, devidas a fatores ocasionais e não gramaticais (item 7.1), e aquelas que atingem a estrutura interna das línguas (item 7.2). Como ele observa, não só a língua está em estado de mudança constante, mas também os indivíduos estão sujeitos a serem expostos a diferentes formas desta língua. Assim, certas mudanças podem ocorrer gradualmente, sem afetar as propriedades estruturais das gramáticas dos indivíduos: elas podem refletir tão somente uma mudança na performance do falante em termos de probabilidades de escolha entre expressões ou análises válidas.

A mudança gradual existe, e pode afetar gradualmente os dados primários, as classificações lexicais. Mas, muito dessa mudança gradual pode não ter um efeito imediato na marcação dos parâmetros estruturais na gramática dos indivíduos; é necessário que ela interaja com outros fatores para que a mudança na gramática ocorra.

Por outro lado, as mudanças paramétricas são sempre de natureza catastrófica: a marcação de um novo valor para um dado parâmetro tem características tipológicas distintivas que evidenciam sua natureza catastrófica; ela se manifesta por um conjunto simultâneo de mudanças em estruturas superficiais e por reação em cadeia; ocorre em resposta a mudanças em domínios não encaixados e causam a obsolescência de certas formas.

Contudo, a natureza do processo de aquisição assegura um certo tipo de progressão da mudança paramétrica; mesmo em circunstâncias ideais, um novo valor paramétrico pode se difundir gradualmente na comunidade linguística.

As mudanças graduais podem alterar os dados primários de forma a requerer um novo valor para algum parâmetro; mas são as mudanças catastróficas que refletem o novo valor paramétrico e que podem informar sobre os limites para gramáticas. Por outro lado, o ponto em que os parâmetros são marcados diferentemente ilustra os limites para gramáticas possíveis ('attainable grammars').

Considerando o contraste entre dados primários e capacidade madura dos falantes de línguas crioulas, Lightfoot diz que a partir do estudo da experiência linguística e das propriedades das gramáticas que emergem nas crianças falantes de crioulo se pode aprender algo sobre 'triggers' em geral e sobre os casos limites (item 7.3). Quanto ao input relevante para as crianças crioulas marcarem os parâmetros, o Autor diz que não há razão para acreditar que exista uma diferença

qualitativa na aquisição dos primeiros estágios de um crioulo e na aquisição de outra língua qualquer, em circunstâncias usuais, desde que os dados relevantes para aquisição da linguagem são estruturalmente limitados em ambas as situações: tendo em vista que o 'trigger' é um subconjunto da experiência linguística total de uma criança (não crioula), a restrição do input para crianças falantes de crioulo não deve parecer dramático (p.174).

Mais uma vez Lightfoot apresenta sua preciosa contribuição numa área de estudos para cuja investigação e desenvolvimento sua colaboração tem sido fundamental. E, certamente, ele consegue demonstrar, com muita clareza e elegância, e com uma fundamentação empírica muito bem elaborada, que os valores dos parâmetros devem ser selecionados na base de evidências simples, prontamente válidas para as crianças, e que problemas de mudança linguística e de aquisição da linguagem estão intimamente relacionados.

(Recebido em 30-05-92)